

vê, uma quasi reprodução do que já escrevera o médico mineiro dr. Julio de Moura, em 1889 (these citada — "Do Homem Americano").

E assim mantendo fidelidade aos seus costumes e tradições puderam se conservar os ultimos Indios *Charrúas* puros até os primeiros decennios do seculo XIX, quando do territorio gaúcho, na extrema do Sul do Brasil, foram elles desaparecendo, de todo, entre os annos de 1816 a 1826.

(Da 3.ª edição do livro — "Os Indios do Brasil", pelo Prof. Nelson de Senna)

### Traços de ethnologia brasileira sobre a onomástica indigena

(Origens indigenas ou procedencia brasilico-americana de alguns nomes proprios masculinos e appellidos de familia, usados em nosso paiz)

Pelas columnas de uma primorosa revista carioca (a *Illustração Brasileira*, em seu n. de Maio de 1935) demos a lista dos nossos mais conhecidos "nomes femininos indigenas" (*Açocé, Ajurim, Aracé, Aracy e Aracyra, Bacáia, Bartyra, Bogarina, Bogary, Botyra, Cajubim, Cajuby, Caobim, Cauby, Cecem, Cecy, Ceéma, Ceucy, Coaraciaba, Coema, Coaracy e Coracy, Cunháia, Cunhaporanga, Cunhatim, Cunháya, Eçáobim, Graciênu ou Guiraciêma, Guaraciaba, Guaracy, Ibotyra, Ipoméa, Iracé e Irucema, Iracy e Iracyra, Iraé, Iramáia e Iramália, Irapoãma, Irecé, Jacy e Jacyra, Janda e Jandáia, Jandaira, Jandira, Jandúia, Jandyra, Jupira e Jupyra, Juracy, Jurandyra, Jurema, Jurily, Jurúia, Jurubim e Jurubina, Jurucé, Jururé, Juruty, Kauty, Kenguará, Kinha, Kunhábatim, Kunháia, Kunhaporanga, Kunhaty, Lindóya, Myrina, Moéma, Paraguassú, Pirina, Piru'na, Pócahontas, Poranga, Polyra, Pyrina, Quenguará, Quynha ou "Quinha", Rólemán, Saóbin, Saúna, Sauby, Térébé, Yára*), com os seus respectivos significados e interpretações. Vamos hoje completar a lista, enfileirando aqui os principaes "nomes masculinos indigenas", mais frequentemente usados no Brasil: *Aimberé, Aimbiré, Airy, Ajuricaba, Amánajós, Ambaré, Apigáua, Araribóia, Arakén, Ararigybóia ou Ararygibóia, Ary, Atabalipa, Atahualpa, Ataliba, Aymoré, Bacáia, Cauby, Cocámo, Guaraciaba, Guaracy, Guatimozim, Huáscar, Irapuã, Irecé, Itagiba ou Itagyba, Jacaína, Jacy, Jaguanharão ou Jaguanháro, Joahyma, Jucá, Jupyacára, Juquyra, Juracy, Jurúna, Jurupy, Minuáno, Moacyr, Montezuma, Pery, Piratinino, Pojucán, Pokráne, Poly, Polyguára, Tibireçá ou Tibiriçá, Ubayára, Ubirajára, etc...*

Vejam, pois, as origens e significados de alguns desses "nomes de gentio", usados por tantos meninos, moços e homens brasileiros, que, assim adoptando-os, na pia baptismal, ou no registro



civil de nascimentos, estão perpetuando na memoria brasileira muitos e expressivos appellidos ou alcunhas de antigos chefes guerreiros indigenas do Brasil primitivo.

*Amberé* — o mesmo que *Aimbléré*, *Amberé* ou *Aymberé* e *Aymbléré* — era para os Tupis o "lagartêto", a "lagartixa"; e, por extensão de sentido, designa o "espertinho", como esse animalzinho lépido, a sardanisca.

*Airy* — ás vezes, usado sob a forma de *Ary* — é alteração do nome *Iry*, que os Tupis davam ao "cacho" da rija e espinhosa palmeira Brejuba (o *Astrocaryum Atri*); e, por extensão de sentido, *Airy* ou *Ary* será o "cacheado", esbelto como a coqueiro dos nossos Brejubás.

*Ajuricaba* — recorda o nome do valente chefe amazonense dos indios Mandos, o que "auxilia os irmãos"; e, por isso, nos adjutórios e molções da vida rural brasileira, está sempre viva na memoria dos roceiros cabôelos e caipiras a figura do guerreiro Manáo.

*Amánujós* ou *Amánujóz* — tem um que de nome sobrenatural: significa "o que proveio das nuvens", descendo de lá do alto ninho das chuvas que cáem do céu sobre a terra; e, por extensão de sentido, se poderá dizer que *Amanujós* será o "tempestuoso", o turbulento como os temporaes.

*Apigáua* — é designativo de "homem" ou "varão", por excellencia: i. que é viril e forte, bom procreador e obediente ao preceito biblico do *crescite et multiplicamini*...

*Arakén* — não abona muito a vivacidade do portador de tal nome, porque designa, entre os povos Tupis, um passaro dorminhôco e somnolento... O nome *Arakén* ficou popularizado depois que um romance indiano de José de Alencar creou um personagem assim chamado.

*Arabóla* ou *Ararigibóla* — era a alcunha de um valente chefe guerreiro dos *Temínós*, o qual, depois de convertido e feito christão, tomou o nome de "Marlim Affonso *Ararigibóla*". Alliado dos Portuguezes nas luctas para a expulsão dos Francezes, no Rio de Janeiro, o valente *Ararigibóla* (a "cobra roncadeira"; a "gia-serpente", tão temida do gentio e dos colonos) foi o fundador da invicta Nicteroy, antiga Praia Grande, defronte da Guanabara. A graphia *Araybóla* ou *Arabóla* apparece transformada, não raro, em *Ararigibóla* ou *Ararigybóla*, como appellido daquelle maior indigena do seculo XVI.

*Atabalipa* — o mesmo que *Ataliba* e *Atahuálpa* — variantes do mesmo nome incáico-peruviano, que era verdadeiramente *Atahualpa*,

na lingua nativa, mas que os colonos ibero-americanos alteraram em *Atabalipa* e contrahiram em *Ataliba*, dando-lhe apparencias enganadoras de nome gôdo. No Brasil e paizes da America Latina, são comuns as tres variantes.

*Atahuálpa* — (contração de *Inti-Hualpa*) foi, pois, o nome proprio indigena do ultimo príncipe de puro sangue *Inca*, feito soberano do reino de Quito, quando seu pae, o Inca *Huáyna-Capac*, em 1525, resolveu repartir o Imperio Peruviano em dois reinos: o do Norte, com séde em Quito, dado ao filho illegitimo Atahualpa, e o do Sul, com a capital em Cuzco, onde ficou reinando o filho legitimo Huáscar, de quem era irmão natural Atahualpa. Um e outro desses inditosos reis incáicos tiveram tragico fim, sendo Huáscar destronado pelos conquistadores hespanhóes; e morrendo logo depois Atahualpa, estrangulado ás mãos desses invasores, por ordem do cruel Francisco Pizarro.

*Aymoré* — este é um sonoro e vibrante nome brasilico, designando o bellicoso gentio da nação *Aymoré* (o povo de "outra origem" ou de "sangue diverso", "gente differente" dos Tupis, os quaes, nos indómitos bugres *Aymorés*, localizados nas Serras, rios e mattas, entre Bahia, Espirito Santo e Minas, tiveram irreductiveis inimigos). A alcunha indigena *Aymoré* procede da lingua tupy, embora dada áquelle gentio da "lingua travada" e guttural e do qual descendem os nossos Botocudos.

*Cáuby* — que se não deve confundir com *Cajuby* — nome tambem indigena mais usado por mulheres, em nosso paiz e derivado de *Cajú-obi*, ou *Cajú-oby*, o "caju verde" —; ao passo que preferido para individuos do sexo masculino o nome *Caoby* ou *Cauby* designa a "fólha azul", isto é, o "anil", conhecida planta indigófera dos nossos prados e vargens humidas, onde a flórzinha azulada do Anileiro nativo se destaca do verde da vegetação.

*Cocãmo* — é um nome indigena que figura como guerreiro guarany da região Missioneira gaúcho-platina, no poema *Uruguay*, de autoria do épico José Basilio da Gama, filho de Minas, e que ao lado de *Cocãmo* tambem decantou o typo imaginario da gentil *Lindóya*.

*Guaraciaba* — é mais propriamente um nome proprio indigena feminino, como tivemos occasião de esclarecer, em nosso citado estudo anterior (vide *Ilustração Brasileira*, n. de Maio de 1935), pois que significa, em Tupy, "a que tem cabellos dourados, como os raios do Sol", a mulher de "cabelleira loura", sendo nome feminino equi-



valente ao de "Laura". Não fica bem como nome proprio masculino, embora conheçamos muito marmanjo com tal appellativo.

*Guaracy* — tal qual o nome precedente, não obstante caiba melhor a mulheres, é usado no Brasil igualmente por creaturas do sexo barbado. É modalidade de *Coaracy*, sendo este e aquelle formas contractas de *Guaractaba* ou *Guaracyaba*. Mas, o gosto pelos nomes proprios indigenas, tal a sua sonoridade prosódica, faz que existam muitos brasileiros do "sexo forte" usando taes nomes e tambem os de *Juracy* e *Jacy*...

*Guatimozim* — ou *Guatémocim*, e ambas as variantes procedentes do mexicano *Gautémoc*, alterado daquelle feitiço pela prosódia castelhana — era o nome do ultimo Imperador indigena do paiz de *Anahuac*, ao tempo da conquista do México pelos hespanhões ao mando de Fernando Cortez; e este, em 1522 (seculo XVI), depois de derrotar e prender ao infeliz monarcha aztéca, fez-o soffrer supplicios incriveis sobre as brazas ardentes de um queimadeiro, para tentar arrancar-lhe o segredo dos thesouros escondidos por *Guatimozim*, acabando por enforcal-o. Do valente *Gautémoc*, que tão bem soube pelejar e morrer por sua Patria, ha uma bella estatua, no Rio, ao fim da Praia do Flamengo, e que foi dádiva do Governo Mexicano ao Brasil.

*Huáscar* — é outro bello nome indigena sul-americano, que nos veio do Peru', onde o notavel principe Inca, *Inti-Cuci-Hualpa* — nascido em 1495 e fallecido em Andamarea, no anno de 1533, sendo filho do famoso Inca *Hudyna-Capac* — recebeu em 1525, por morte deste seo pae, em partilha do Imperio dos Incas, o reino meridional, com séde na cidade de Cuzco. Todo o esplendor dos templos e palacios dos Incas, em Cuzco, fôra obra dos cinco Incas anteriores ao soberano *Huayna-Capac*, cujo pae foi o 5.º Inca (*Tupac-Inca-Yupanqui*); e *Huayna-Capac* — o "menino chefe" ou o "menino rei" (como seo nome titular se traduz, em idioma *quichúa*, embora o seo primitivo nome de nascimento fôsse *Inti-Cuci-Hualpa*), — quiz, antes de morrer, no anno de 1525, conciliar seos filhos Atahuálpa e Huáscar, este legitimo e aquelle natural, dividindo entre ambos o vasto dominio imperial dos Incas, legando o reino de Quito a Atahuálpa e o reino de Cuzco a Huáscar. As rivalidades entre os dois irmãos e as intrigas urdidas pelos hespanhões de Pizarro deram em resultado ser destituido Huáscar e ser estrangulado Atahuálpa, em 1533, terminando assim o Imperio dos Incas.

*Irapuán* (ou *Irapuán*) — este nome proprio, vulgarizado por um personagem dos romances indianos de Alencar, deve se traduzir,

ao pé da letra, por "abelheira alta" ou "Mel Redondo"; mas, por extensão de sentido, indicaria o guerreiro que, como o apídeo sylvestre no elevado cortiço, ficava sobranceiro ao inimigo e aninhado no alto do refugio para melhor tocar o adversario, na Serra da Ibiapaba (no Ceará).

*Irecé* — é nome que, embora applicado a mulheres, delle tambem usam homens; significa, genericamente, o "nadador", que se conserva á tona d'agua, boiando sobre a superficie liquida. Para o nosso esportismo aquático, vae a calhar tal nome indigena, de origem tupy, para um campeão do nado de costas, vogando á mercê da corrente...

*Itagiba* — ou *Itagyba* — é nome indigena, tupy, significando o "braço de pedra", alcunha de um chefe gentio cujo braço hirto era como que um punho de ferro, para lutar corpo a corpo com o inimigo. Por extensão de sentido, o que tem "braço ou punho de ferro" (sube-se que os nossos Indios não conheceram o uso dos metaes). O chefe guerreiro Tabajára, que, em Pernambuco, no seculo XVI, tinha tal alcunha, podia derrubar com um sócco o mais corpulento adversario. *Itagibá* seria prosodia mais de accordo com a etymologia indigena do vocabulo.

*Jacaúna* — o da "cabeça preta" ou o do "peito negro", (pois o nome tupy se presta ás duas interpretações), foi tambem alcunha usada por um temivel chefe dos Indios Nordestinos (seculo XVI), que costumava tatuár o largo peito imberbe de pellos, com as tintas de tom escuro (de genipapo e urucu') para lhe dar aspecto mais terrifico, deante do inimigo. O proprio guerreiro *Jacaúna* ainda se intitulava o "cobra preta", alludindo ao ophidio da cabeça negra.

*Jacy* — é outro nome proprio indigena, que os Tupys applicavam apenas ás mulheres, visto que significa a "lua" ou a "mãe dos fructos". Para o gentio todo o reino vegetal estava sob a influencia lunar; e é crença ainda vigente no vulgo de que aquelle satellite da Terra tem profunda acção sobre a vida das plantas e seres, vegetaes ou animaes. Mas, em que pese á etymologia, continu'a muito menino brasileiro a ser baptizado e registrado, logo depois do nascimento, com o sympathico onomástico — *Jacy*.

*Jaguanháro* — fórma equivalente a *Jaguanharão* — quer dizer o "jaguar feroz", a "onça bravia" ou o "cão bravo", e com essa alcunha se fez famoso, no primeiro seculo da vida colonial brasileira, um terrivel guerreiro *guayaná* (sobrinho de *Tibiricá*), o qual, em face do inimigo, era sanguisedento e implacavel como o grande



fellino das selvas brasileiras. Morreo o *Jaguanháro* em acceso combate com os Portuguezes.

*Jothyma* — nome de um maioral Botocudo (em sua lingua *Djoima* ou *Joina*) que, na região norte-mineira do rio Jequitinhonha, foi um amigo da civilização, segundo testemunho de Guido Marlière. O nome é corruptela da expressão tupy *Yá-á-eyma* (o "joá ou juá sem espinhos"). É hoje nome local de um districto.

*Jucá* — o "matador", celebre gentio hostil aos brancos, no Ceará colonial, havendo entre os Botocudos de Minas o appellido pessoal — *Jucandak* ou *Jucandque* ("o que mata na cabeça").

*Jupyaçára* — nome de um cacique ou *tucháva*, que a si mesmo se intitulava assim, traduzindo-se-lhe o nome indigena como o "cercado de espinhos", a sébe impenetravel, que se tornava trincheira aggressiva e intransponivel, porque feita de agudos espinheiros, barrando o caminho ao inimigo.

*Juracy* — nome mais adequado a creaturas femininas, pois, significando genericamente a "mãe das conchas" — a matriz formadora dos conchães (de que as Indias tupy faziam o seo apreciado collar conhecido por *Jurapóra*) — menos proprio se torna para onomástico masculino. Isto, porém, não impede que tenhamos, na geração politica da Nova Republica, um jovem Governador *Juracy*...

*Jurána* — quer dizer, em tupy, o "bôca negra" (*Juru'-una*), alcunha de um chefe indigena Nordeste, que pintava os beiços e os dentes com as tintas escuras extrahidas do genipapo, do carajuru e do urucu', dando-lhe um feróz aspecto para mais aterrorizar o inimigo.

*Minuano* — Nome de origem charruána, nos pampas sulinos, e que, servindo para designar um "vento" que sopra do Rio da Prata para o Norte, rumo ao Brasil, é hoje tambem usado como nome proprio, principalmente na gente gaúcha.

*Moacyr* — este nome tupy, tão usado em nosso paiz, significa o "cheio de dôr", o "doloroso" ou "o que faz soffrer"; mas a fantasia litteraria já o preconizou como equivalente á expressão: "filho da dôr". Quem traz assim esse bello nome indigena como que assignala, simbolicamente, a sua vinda ao mundo por entre dôres acérbas de quem o concebeo...

*Montezuma* — nome aztéca ou tolléca de um soberano do Mexico, anterior ao advento de *Guatimozim* ao throno da terra de Anahuac; e, vencido por Cortez, quando da invasão e conquista dos hespanhóes, *Montezuma* se deixou morrer de fome, em 1520, na

prisão. Logo depois soava o fim do Imperio Mexicano, quando Fernando Cortez mandou enforcar, em 1522, o heroico *Guatimozim*. No Brasil, um grande politico bahiano (o Visconde de Jequitinhonha) appôz ao seo proprio nome Francisco dous appellidos brasilicos e um mexicano: "Francisco Gê-Acayaba de Montezuma".

*Pery* — nome creado por Alencar, no seo famoso e immortal romance — *O Guarany* —, com o par idyllico de *Cecy* e *Pery*, sendo o ultimo uma alteração de *piri* ou *pyri*, o "junco", em lingua tupy; e o talhe fino, esbelto e agil do cabôclo romantizado por Alencar bem justificou o nome *Pery*, tão usado e popular em todo o Brasil.

*Pojucán* — é um nome de certo modo emphatico e usado com a forma contracta de *Póra-jucá*, o "mata-gente", alcunha de que se vangloriavam os guerreiros selvagens, cuja maior fama provinha do numero das cabeças decepadas ao inimigo ou das mortes feitas, tal e qual ainda o fazem os nossos cangaceiros do typo de "Lampeão" e seo bando...

*Pokrâne* — nome tapuya de um benemerito maioral Botocudo da bacia mineira do Rio Doce, significando o "manêta" ou "pernêta" (*Pó-Krâne*, o "aleijado ou defeituoso da mão ou do pé"); e, tendo sido attrahido á grey christã e civilizada, ainda jovem, por seo padrinho Coronel Guido Marlière, tomou o nome de "Guido Pokrâne", indo chefiar os Bugres das mattas do Manhuassú, onde fundou a povoação, que é hoje a séde do districto de *Pokrâne*, no actual municipio de Ipanêma, parte oriental de Minas.

*Poly* — nome que destacou, na historia Nordeste, durante as luctas para expulsão dos hollandezes, o illustre chefe indigena *Poty* (o "camarão), guerrilheiro da Potyguarânia, filho do Rio Grande do Norte e que tomou o nome fidalgo de "Dom Antonio Felipe Camarão" (seculo XVII), tendo sua esposa, a destemida Clara Camarão, sido legitima heroína nacional incorporada aos fastos da nossa historia, naquelle periodo.

*Tibireçá* (ou *Tibiriçá*) — foi o nome de um abalizado e influente maioral indigena, chefe dos Guaianazes chamados ao gremio christão e civilizado, no primeiro seculo da historia brasileira, em terras de Piratininga, na Capitania Vicentina. Em tupy, significa — o "guarda ou vigia da terra", o que está de atalaya ou como sentinella attenta, cuidando pela vigilancia do solo natal. Não convem graphar *Tebyreçá* ou *Tebireçá*, porque então o significado é outro e de interpretação fescenina...

*Ubirajára* — nome proprio indigena, de origem tupy, e que foi alcunha do gentio caceteiro ou "bilreiro", armado de porrêtes



rijos ou cacêtes curtos para agredir os inimigos (como será o caso dos Índios das nações Borôro e Cayapó, que são *ubirajdras*, no sentido de destros "manejadores de pau", de "senhores do porrêto") e, em dous tempos, quebrarem os ossos e esmigalhar a cabeça do adversario, na pelêja cruenta.

\* \* \*

Alóra os indicados, ainda outros varios nomes indígenas são usados como "nomes proprios" por brasileiros civilizados, quaes sejam os seguintes: *Apinagé* (o "gavião pellado"); *Aquidabán* (nome *Aroaqui* de um povo de indios navegantes — *Akitapán*); *Aracyr* ("o que canta como a cigarra"); *Arary* (corruptela de Araré, "o amigo ou affelçoador aos papagaios"); *Bacáia* (o primeiro indio christão, em Minas, na Itaverava); *Coracy* ("fonte vermelha"); *Dióracy* (corruptela tapuya de *Juracy*); *Erymá* ("sem-campo"); *Guarany* (o "guerreiro", o "ludador" ou o "luctador"); *Ibiré* (o "redomoinho", o "turbilhão d'agua"); *Inimá* (corruptela de *Ini-eyma*, o "sem-rêde"); *Iracy e Iracyr* (o "melleiro" ou "fonte de mel"); *Irany* ("abelha enfurecida"); *Iraty* (o "mel branco" ou o "fio de mel"); *Itabira* (alterado em *Tabira*, alcunha de um chefe *Tabajara*, o "léso" ou o "empinado"); *Ilberé* (contractão de *Y-ti-eré*, o "campo do arroio claro"); *Jacyr* (o que traz o enfeite ou ornato de concha branca e talhado em fórma de crescente ou meia-lua); *Japlassu'* (o "muito barulhento", o "espulha-brasas", o que é ruidoso como o *Japu'*); *Japy* (o mesmo que *Japu'*, individuo barulhento ou ruidoso); *Joacy* (corruptela de *Juacé*, o "sequioso"); *Juquyra* ("o dono do Juquiá" ou da armadilha de pescar); *Jurandy e Jurandyr* (o "cortiço cascudo", a crôsta ou o cascão em volta do ninho da abelha); *Jurupy* (corruptela de *Yuru-py-ra*, o "dador de beijos", o que sabe beijar, nome suggestivo); *Piratínino* (brasileirismo de origem gaúcha, derivado de *Piratínin*, o "sécça-peixe"); *Polyguára* (o "comedor de camarão", e si for *Peltiguára* ou *Peltiguara*, o "mascador de fumo"); *Tupinambá* (o "descendente do Tupi", o "da bôa raça"); *Tupiniquim* (o que é collateral ou "parente chegado da gente Tupi"); *Tupy* (o "ancestral", o "pae supremo", o "primitivo" ou o "progenitor da bôa raça"); *Ubayára* ou *Ubayára* (o "fructeiro" ou "hortelão"); etc.

E si formos nos occupar dos cognomes ou sobrenomes indígenas, appostos a nomes familiares, de Norte a Sul do Brasil, seria um nunca acabar. Principalmente na galeria dos nossos velhos titulares do Imperio — que da lingua Tupy-Guarany, quasi geralmente, foram tirar as denominações que orzam os titulos dos Ba-

rões, Condes, Duques, Marquezes e Viscondes brasileiros, — iriamos encontrar bellas e sonóras vozes indigenas: Abaeté, Abiahy, Aguapehy, Amaragy, Anajás, Anajatuba, Andarahy, Aquidaban, Aquiráz, Araçajy, Aracaju', Aracaty, Araguary, Araguaya, Aramaré, Araraquára, Aráras, Araripe, Araruâma, Araru'na, Arary, Aratangy, Aratanna, Araxá, Arinos, Aripibú, Ariró, Assu', Atibaia, Avaré, Aymorés, Ayuruóca; Baependy, Bambuhy, Beberibe, Bertióga, Bocaina, Bocayúva, Bojurú, Borboréma, Buique, Burity; Caçapava, Caeté, Cahy, Caiairá, Caicó, Cahyba, Cajary, Cajuru', Camaçary, Camamu', Camapuã, Camaquã, Camaragibe, Cambucy, Cambuhy, Cambuquira, Cananéa, Canindé, Capanêma, Carapebu's, Catuâma, Catumby, Caty, Cauhype, Cayapó, Cayru', Ceará, Chopotó, Cocães, Congónhas, Cotegype, Cotinguiba, Cratheuús, Cruangy, Cururipe; Geremoabo, Gericinó, Goyána, Goyaz, Goytacazes, Grajahu', Gragoatá, Gravatahy, Guahy, Guaicuhy, Guamá, Guanabara, Guandu', Guapy, Guarabira, Guarapuava, Guararapes, Guararema, Guaringuetá, Guaribu', Gurupy, Gurutuba; Ibertiôga, Ibiapába, Ibicuhy, Ibitinga, Ibituruna, Icarahy, Icó, Iguapé, Iguarassu', Iguassu', Iguatemy, Ijuhy, Imaruby, Imbassahy, Imbé, Imbury, Indayá, Indayatuba, Inhambúpe, Inham'na, Inhomirim, Ipiabas, Ipiranga, Ipojuca, Ipu', Ipuhy, Irahya, Irajá, Irapuá, Iritu'ia, Itabapoana, Itabayana, Itabira, Itaborahy, Itacambira, Itahim, Itahype, Itaicy, Itaipava, Itaipu', Itajubá, Itamaracá, Itamarandyba, Itamaraty, Itambé, Itamby, Itapagype, Itaparica, Itapécerica, Itapemirim, Itaperu'na, Itapetininga, Itapevy, Itapicuru', Itapira, Itapiru', Itapoan, Itaporanga, Itaporé, Itapororocas, Itapura, Itaquy, Itararé, Itatinga, Itau'na, Itaverava, Itu', Ituverava, Ituzaingo, Ivahy, Ivinhêma; Jacarehy, Jaceguay, Jacuhy, Jaguára, Jaguarão, Jaguaribe, Jaguaripe, Jaguary, Jambeyro, Japarutuba, Japurá, Jary, Javary, Jequitahy, Jequitinhonha, Jundiáhy, Juruá; Macahé, Macahu'bas, Macáia, Maceió, Magé, Mamanguape, Mamoré, Mantiqueira, Maquiné, Maracaju', Maracaná, Marágogipe, Marahu', Marajó, Maranguapé, Maricá, Maroim, Marathoan, Maruhy, Massambará, Massiambu', Matuim, Mauá, Merity, Mogy-Guassu', Mogy-Mirim, Mucury, Muriahé, Muribéca, Muritiba; Nictheróy, Nioác, Nonoáy; Ouricury; Pacaembu', Pacé, Paquequer, Paquetá, Pará, Parácamby, Paráguassu', Parahim, Parahyba, Parahybuna, Parahym, Parahyttinga, Paraná, Paranaguá, Paranapanêma, Paranapiacába, Paranapi-tanga, Paránapura, Paráopéba, Paraty, Parau'na, Paríma, Parnaguá, Parnahyba, Parnámirim, Paru', Passé, Paty, Persinunga, Pindamonhagaba, Pindaré, Pirácicaba, Pirahy, Pirajá, Piranga, Pi-



rangy, Pirapâma, Pirapetinga, Pirapitanga, Pirápitinguy, Pirásununga, Piratinin, Piratininga, Piratiny, Piripiry, Pitanguêlas, Pitanguy, Piumhy, Poconé, Pojuca, Propriá; Quarahim; Rio-Apa; Sabará, Sapucahy, Saquarêma, Sarahyba, Saraménha, Sáuhype, Sáycân, Sepetiba, Sergipe, Sergy-Mirim, Seridó, Sinimbu', Sobrogy, Suassuhy, Suassu'na, Subahé, Suruhy; Tabatinga, Taitinga, Tamandaré, Tamanduá, Taquára, Taquary, Tatuhy, Tefé, Tibagy, Tieté, Tiju'ca, Tinguá, Tocantins, Tráituba, Tramandahy, Traripe, Tréniembé, Tury-Assu'; Ubá, Uberaba, Una, Utinga, Uruguay, Uruguayana, Urúrahhy; Votórantin; Ypiranga... Toda esta relação tão extensa de nomes tupis, que encáudam os títulos da nobiliarchia do antigo Imperio, bem revêla o apreço que os brasileiros de escôl deram sempre ás coisas e aspectos nativos, a começar dos soberanos (os dois Pedros) entre cujos symbolos da realza, nas galas do vestuario imperial, figuravam os famosos "pápos de lucânos"...

Bem razão tinha o chronista jesuita Fernão Cardim, da éra seiscentista, quando — alludindo á opulencia da "lingua geral dos Brasis — a proclamou "facil e elegante, e suave, e copiosa", conceito em nosso tempo reforçado pelo sr. Roquette-Pinto, quando a considera — "doce e rica, original e sóbria", "com qualquer coisa de heráldica", na sua vibrante sonoridade, ajuntamos nós.

Bello Horizonte, outubro, 1935.

NOTA: — Estudo publicado pelo Prof. NELSON DE SENNA na "Ilustração Brasileira", do Rio de Janeiro, em 1936.

## Sobre Ethnographia Brasileira

### PRINCIPAES POVOS SELVAGENS QUE TIVERAM O SEO "HABITAT" EM TERRITORIO DAS MINAS GERAES

(Resenha ethnographica, publicada na revista carioca "Cultura e Trabalho", pelo prof. Nelson de Senna, em Fevereiro de 1928)

**Abaetés** — (No Oêste, valle do actual Abaeté, Alto-São Francisco, e gentio de horrenda feição, que chi outrora dominou). O verdadeiro nome deste gentio é *abaité* (alcunha tupi, decomposta em *abá-ité*, com a significação de gente feia, horrenda, de aspecto repulsivo). A outra etymologia *abá-été*, "homem abalisado", não se applica a este gentio.

**Abahybas** — (Esta horda selvagem, "gente ruim", vivia apartada dos *Croatos* do rio Pomba, na actual região da Matta Mineira). Em tupi, a expressão *abá-alba* quer mesmo dizer "individuo ruim", alludindo á fereza desse gentio de sangue tapuia.

**Abatrás** — (No Norte de Minas, margens do São Francisco, gentio da grimpa levantada ou dos cabellos hispídos e crescidos). O seo proprio nome tupi *abá-tirá* indica que era gente do topete ou grenha erriçada.

**Abatinguáras** — (Celebres indios quasi pigmeos e antropophagos, que habitavam as margens do Rio Grande e viviam em cavernas). Sua alcunha tupi *abá-tin-guára* se traduz por "comedores de gente branca".

Esses lendarios selvagens foram encontrados no valle do Sapucahy-Guassú, e tambem nas margens do Rio Grande. São já extinctos. As primeiras expedições paulistas dos fins do sec. XVII, indo para Goyaz, deram noticias desse gentio, temivel inimigo da gente branca, e que vivia occulto, durante o dia, nas cavernas calcareas da actual zona do Triangulo Mineiro.

**Abatipós** — (Viviam outrora no valle do rio hoje denominado Matipoó, a Leste do Estado). Sua alcunha tupi *abá-ti-pó* mostra que esse gentio tinha certo mal da pelle toda "pampa" ou cheia de manchas esbranquiçadas, nas mãos e pés.